

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 28 de março de 2012**

*Texto de Referência: Na Origem da Pretensão Cristã, capítulos III e IV,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2012, pp. 43-70*

- *I Wonder*
- *Il giovane ricco*

Glória

Carrón: Antes de começar a falar sobre aquilo que foi dado como tema para hoje, gostaria de dizer uma palavra sobre a maneira de fazer Escola de Comunidade, porque a tentativa que estamos fazendo este ano é verificar se o trabalho que fizemos nos últimos dois anos começa a se afirmar como método. Se não for assim, retornamos ao ponto de partida e a Escola de Comunidade não dá a contribuição que, como gesto, deve dar (e podemos ver isso pela modalidade com a qual nós a fazemos). Evidentemente isso tem riscos: seria mais fácil vir aqui para escutar uma palestra e irmos todos embora, como alguém nos propôs, mas isso não produziria aquilo que buscamos obter: tornar familiar um certo modo de fazer Escola de Comunidade. Mas, como há quem tenha dúvidas, quero falar sobre isso. Uma pessoa me escreveu: “Parece que o formato de assembleia, mesmo com uma riqueza de exemplos e testemunhos, não está ajudando no trabalho específico sobre o conteúdo do texto. Em particular, na última assembleia me pareceu que as colocações não tiveram o texto – que você definiu como decisivo – como objeto de um trabalho de comparação. Cada um falou de sua experiência que, embora significativa, não tinha relação com o contexto do texto. Pelo menos, eu não percebi isso [e é importante dar-se conta, porque senão não aprendemos]. Afinal é uma ‘escola’, onde o primeiro objetivo é a comparação com um mestre e com o conteúdo que ele exprime, antes de mais nada com o desejo de entender o que ele diz. Sinto que é necessário, eu e alguns amigos com quem convivo, um momento em que o texto da Escola de Comunidade seja ‘apresentado’ e aprofundado em seu conteúdo na provocação que representa para a vida”. Essa apresentação já foi feita no dia 25 de janeiro... Agora é preciso arriscar, mesmo que muitas vezes não façamos bem o trabalho. Isso não me preocupa, porque não viemos aqui para causar uma boa impressão, mas para aprender. Se vocês estão preocupados com isso, sinto muito por vocês, a mim, não preocupa. O que me preocupa é que aprendamos, e me preocupa antes de mais nada, que eu mesmo aprenda. Então a única maneira é que cada um testemunhe a própria tentativa, porque é assim que podemos nos ajudar a ver se a tentativa que estamos fazendo é adequada para aprendermos. Essa é a comparação que fazemos aqui, como me escreveu outra pessoa depois da última Escola de Comunidade: “Que choque ontem à noite perceber como vivemos alheios a nós mesmos, a ponto de não nos darmos conta de que nós – eu, não os outros – vivemos as reduções do cristianismo das quais Dom Giussani nos chama a atenção. Confesso que sem você não teria entendido este mês de Escola de Comunidade [a comparação existe!], embora [este é o ponto] tenha lido o texto todos os dias e participado de todos os encontros que pude. É por meio do seu olhar que reencontro a mim mesma”. É nisto que devemos nos ajudar. Chegou às minhas mãos um texto que me foi útil para uma comparação. É um trecho de *Algo que Vem Antes*, onde Giussani descreve mais uma vez o que é a Escola de Comunidade. “É preciso que quem guia a Escola de Comunidade comunique uma experiência na qual o estupor inicial se renove e não que cumpra um papel ou uma ‘obrigação’. Não é possível comunicar uma experiência quando se parte de uma consciência de si mesmo como papel, movido por uma visão de si como chefe e superior, com a pretensão de ensinar. Porque quem ensina é somente o Espírito de Deus: é o Espírito que faz o primeiro movimento e que o renova. [Por isso] quem, guiando a Escola de Comunidade, comunica uma experiência na qual acontece a surpresa inicial, faz essa comunicação dando razões das palavras que são usadas”. É isso que devemos pedir ao Espírito: que todas as vezes que formos à Escola de Comunidade aconteça a

surpresa inicial sem a qual não é possível entender nem mesmo se a “explicarmos” (por causa da redução que fazemos do conhecimento como explicação e não como acontecimento). Entendemos as coisas quando acontecem. Por isso, é fundamental nos ajudarmos nisso. Recebi outra carta que diz (leio porque me parece útil para nosso trabalho): “Na última Escola de Comunidade você disse que tinha lido o parágrafo inicial da introdução do texto. Em particular, que Dom Giussani diga que ‘não considerar o cristianismo de uma maneira redutiva depende da abrangência e da totalidade com a qual a pessoa percebe (...) o senso religioso’. Se nós reduzimos o senso religioso, isto é, a natureza do nosso eu, inevitavelmente reduzimos o cristianismo”. A pessoa que escreveu, diz que não entende a relação que há entre isso e aquilo que leu no capítulo proposto para hoje: “Uma investigação sobre o senso religioso não leva a compreender se o cristianismo traz uma notícia verdadeira ou falsa. Já enunciei esta postura no primeiro volume deste curso: o método é imposto pelo objeto, e não fixado pelo sujeito. O senso religioso é um fenômeno da pessoa e por isso dissemos que o método para abordá-lo (...) é a reflexão sobre si mesmo. Se Cristo disse ou não disse que era Deus, se ele é Deus ou não, se pode chegar até nós ainda hoje, isso é um problema histórico. Por isso, o método deve ser correspondente, e deve corresponder à gravidade do problema’. De tudo isso, eu entendi que se não abro meu coração, se não faço uma investigação sobre mim mesmo, não posso entender o alcance da mensagem cristã. Porém, aquilo que Dom Giussani diz no capítulo terceiro, no quarto parágrafo, parece o contrário, ou seja, que é preciso simplesmente estar diante do fato histórico de Cristo”. São duas coisas que precisam ser entendidas. Dom Giussani diz que o senso religioso é diferente do cristianismo, porque o cristianismo é um fato histórico e portanto, não é por meio de uma investigação sobre mim que entendo se o cristianismo aconteceu. Mas, ao mesmo tempo, Giussani diz que sem que eu esteja presente, sem que eu esteja completamente aberto a isso – o que não quer dizer que eu deva fazer ulteriores investigações sobre mim mesmo, mas que eu tenha consciência de mim mesmo e de todo o drama que sou –, não posso entender, não posso compreender que o fato cristão aconteceu. Entendem? Os discípulos O tinham diante de si – dissemos na última vez –, mas preferiam o sucesso missionário à Sua pessoa. Por que? É porque Jesus não estava diante deles? Não, é porque para perceber a diversidade que havia em Cristo era preciso que estivessem diante dEle com toda a consciência de si mesmos. Por isso, se nós não entendemos essas duas coisas – que não se trata de fazer uma investigação sobre mim mesmo, de um lado, mas que sem consciência de mim mesmo, eu não posso entender o cristianismo, de outro, porque este é o foco de todo o livro: uma terna e apaixonada consciência de mim –, Cristo será, para nós, apenas um nome. Então, a questão é que eu esteja com toda a minha humanidade escancarada diante do real para poder perceber com minha humanidade se acontece algo pelo qual posso dizer: “Ah! É isso que eu buscava”. É decisivo entender isso se não quisermos confundir as duas coisas. Espero ter-me explicado. Bem, a pergunta que deixamos como trabalho era verificar onde podemos perceber se aconteceu ou não o cristianismo, porque essa é a questão. Agora não é mais um problema de reflexão sobre si, mas é um problema histórico: o cristianismo aconteceu, ou não? Estamos sós com nossas tentativas de viver a vida ou aconteceu algo diferente? Em quê podemos reconhecer isso? Em quê podemos descobrir que aconteceu essa mudança de método? Nesse momento não nos interessam tanto as consequências, mas o fato de perceber que aconteceu.

Colocação: *Tentando fazer a Escola de Comunidade com essa pergunta em mente, devo dizer que durante muitas semanas normalmente tentei buscar em episódios do passado mais ou menos recente a mudança do método, ou o fato acontecido na minha vida. Então, aconteceu uma coisa, na verdade muito simples, mas que para mim é preciosa porque me parece que mostrou toda a atualidade e toda a vida que há dentro dessa “reviravolta das flechas”. Neste momento em que tudo está mais sereno, depois de grandes mudanças de trabalho e da vida em geral, em que parece que encontrei um novo equilíbrio, domingo passei um belo dia de primavera: fiz um passeio de bicicleta com a minha família (uma das coisas de que mais gosto), e à noite, fui ao Batismo do filho de uma amiga, sentindo-me feliz, mas também – me perdoe – um pouco formal. E, durante a Missa, ouvindo a leitura do Evangelho sobre a ressurreição de Lázaro, comecei a reviver todo aquele*

olhar apaixonado de Jesus sobre Lázaro, Maria, Marta. Depois, durante a homilia, você explicou o trecho dizendo: “O gesto que estamos realizando é muito maior até do que a ressurreição de Lázaro, porque Lázaro, depois, teve que morrer mais uma vez, porém, com o Batismo a criança é colocada na vida eterna” (uma mãe sabe bem que não poderia suportar uma perspectiva diferente para um filho). Em suma, foi uma cerimônia onde foram lidas coisas que já ouvimos mil vezes, e que no entanto provocaram em mim uma perturbação profunda, porque é como se, debaixo daquele olhar, revivido pelas palavras do Evangelho e da sua homilia, além da presença de certos rostos amigos, eu tivesse descoberto que na verdade não é do meu “equilíbrio” que eu preciso, mas exatamente deste olhar que provoca em mim uma nostalgia dolorosa que perturba e faz perder o sono e até a lucidez sobre as coisas que tenho para fazer, mas que amo, e que não quero trocar por nada no mundo porque entendo que sou feito para isso. Não sei se é disso que estamos falando, mas para mim, parece que na minha vida a mudança de método é este fato que acontece, que acontece de verdade, acontece nas situações em que não esperamos (eu não esperava que o domingo terminasse assim).

Carrón: Obrigado. É disso que falamos, porque a primeira coisa de que falamos não é nada além de uma experiência presente. Primeira questão. Alguém vai a um certo lugar achando estar indo para algo formal e se vê diante de algo que o muda. Simples. Em que se vê? É dentro de algo assim – ou daquilo que ouviremos agora, espero, dos outros – que é preciso redescobrir todas as palavras que se referem à inversão total de método da qual fala o texto da Escola de Comunidade. Essa é uma evidência fácil para uma criança, não é preciso nenhuma inteligência particular para que a pessoa chegue ali e veja algo que a muda. Fácil! Até as crianças podem mudar. É assim que nós devemos procurar buscar no real os fatos que documentam essa inversão.

Colocação: *Um amigo me telefonou e disse: “Gostaria que você conhecesse dois amigos meus e seu pai, porque a empresa dele não está bem, e queria que você os ajudasse a encontrar um trabalho”. Então, fui almoçar com os dois jovens, o pai e meu amigo. E os filhos começaram a me falar sobre a situação do pai, sobre a empresa que não está bem, que precisarão fechá-la, querem fechá-la, estão fechando. No entanto, o pai ficava em silêncio. A um certo ponto, o filho disse: “Nessa situação, pelo menos colocamos a casa de nosso pai em segurança”, e eu disse: “Perfeito”. Nesse momento, o pai, um homem de mais de 60 anos, com os olhos vermelhos, começou a dizer: “Como faço para escrever uma carta aos fornecedores?” (é a carta com a qual se propõe uma concordata, em que são renegociadas as dívidas). Depois, acrescentou: “Eu costumava presentear esses fornecedores com o Cartaz de Páscoa, eu os convidava para os gestos do Movimento... Depois, com aquilo que Carrón está nos dizendo por meio da Escola de Comunidade, com todo o trabalho que estamos fazendo, é realmente justo não vender a casa para pagar as dívidas?”. Ali, fui mudado, mudado! Fui colocado diante de qual é a minha necessidade, do quê desejo, do quê estava em jogo, tanto é que imediatamente me virei para os filhos perguntando: “Na verdade, qual é a nossa necessidade? Que seu pai não perca a casa, ou a de um homem que se coloca diante do real?”. Senti-me livre, presente a mim mesmo. É um acontecimento que me faz retomar, embora no início estivesse de acordo em não vender a casa.*

Carrón: Quando alguém diz, nessa situação, “Mas, é justo não vender a casa?”, nós pensamos que ele chegou a essa conclusão por meio de um esforço do senso religioso, que seja louco, ou que lhe tenha acontecido algo de diferente?

Colocação: *Há alguns dias, estava jantando com alguns amigos e, a um certo ponto, um dos filhos citados na colocação anterior disse: “Meu pai está passando por dificuldades, então pedimos ajuda aos amigos. Durante o caminho, pensei em todos os problemas de meu pai, em como ajudá-lo, na minha agitação, etc. Cheguei e encontrei estes amigos, e naquele momento me senti amado como nunca, me senti abraçado, tanto que fiz todo o caminho de volta em silêncio e a única coisa que dominava minha cabeça era: ‘Este foi o abraço de Cristo na minha vida’. É isso, eu não quero mais nada, fui feito para esse abraço”. E ele me disse: “Foi a primeira vez na vida que eu disse ‘Este é o abraço de Cristo’”. Depois, acrescentou: “Faço caritativa há anos, levo cestas básicas*

do Banco de Solidariedade a uma família. Alguns dias depois deste acontecimento, como sempre, levei a cesta à mesma família, mas foi totalmente diferente. Porque senti-me livre diante daquelas pessoas: e enquanto descobria na carne essa liberdade, também me dei conta de que eu sempre tinha levado a cesta, no fundo no fundo, com uma pretensão, como se o objetivo fosse uma satisfação pessoal. Ao contrário, dentro daquela liberdade, eu retomava consciência do fato de que eu desejava apenas aquele abraço, fui feito para aquele abraço. Mas, para fazer isso, para adquirir essa consciência de mim, precisei retomar aquela experiência feita alguns dias antes”.

Carrón: Uma experiência presente: no encontro com alguém acontece algo imprevisível. E em que posso reconhecer que aconteceu algo imprevisível (isto é, que não é uma criação minha, mas um fato diante de cuja evidência devo me render)? Porque me sinto livre até fazendo a caritativa, no fato de aprender a gratuidade, sem a pretensão de um retorno. É impossível gerarmos isso sozinhos, não é a consequência de uma tentativa minha. O cristianismo é algo totalmente diferente: entra algo de novo, e bastaria que nós olhássemos isso para ver quantas vezes o reduzimos à nossa tentativa, sem nos deixarmos simplesmente transformar por um fato presente que nos torna livres.

Colocação: *Há algumas semanas descobri que tenho câncer e disse a mim mesmo: Como João, André e Simão, fui escolhido por Cristo, e de um modo decisivo, pela segunda vez. Olhando para a minha vida, de fato, foram dois os momentos decisivos para o meu destino, em que Cristo, por meio da doença, veio ao meu encontro, revelando-se. A primeira vez em que Cristo me chamou, foi quando encontrei o Movimento, na universidade. Aos quatorze anos tive um tumor, com graves consequências físicas, tanto é que os poucos amigos que eu tinha, me abandonaram. Cheguei à universidade acompanhado de um Deus que, para mim, era algo abstrato, mas carregava um grande desejo de felicidade. Dirigi-me aos “quiosques” preparados para as matrículas e fui iluminado pelo olhar de vocês que me aceitaram por aquilo que eu era. Ninguém nunca tinha me olhado daquela maneira. Completamente deslumbrado e surpreso, comecei a acompanhar vocês e iniciei meu caminho no Movimento. A segunda vez, tão decisiva quanto a primeira, foi o abraço de Cristo nesses dias. Nos últimos meses, minha vida se reduziu a uma vida estéril dentro de um apartamento e algumas Escolas de Comunidade das quais participava com pouco interesse. Meu coração estava adormecido, mas percebia que ainda aspirava ao infinito e à verdade. E também aqui, o Mistério interveio, por meio da doença que me despertou, fazendo-me abraçar novamente também a presença viva de rostos que não ouvia nem via há alguns anos. Disse a mim mesmo: Cristo moveu-se e moveu-se por mim, veio ao meu encontro. Agora, com o coração cheio de Cristo, que é algo que está me acontecendo agora, quero viver intensamente o real: se eu consegui enfrentar a doença aos quatorze anos com o apoio de um Deus que para mim era um ente abstrato, imagine agora que posso confiar-me ao Mistério revelado por meio dos rostos!*

Carrón: Obrigado!

Colocação: Obrigado a você.

Carrón: Abandonado pelos outros, um olhar imprevisível entra na sua vida por meio de algo presente. Atenção, não demos isso por óbvio, porque ele não se refere a uma citação do Evangelho, mas a um olhar presente! E cada um deve se dar conta dele, porque isso é o que reabre o relacionamento com o cristianismo, apesar de tudo. De fato, como posso dar as razões deste olhar dois mil anos depois? Porque, que alguém cite uma passagem do Evangelho é compreensível, mas que alguém sinta na carne o olhar de Cristo que o investe e que o muda dois mil anos depois, esta é uma experiência presente. Se nós não partimos daqui, não podemos verdadeiramente dizer se Cristo aconteceu ou não como um fato na história. Não se trata de uma reflexão sobre o cristianismo “não é um problema de pareceres, de gostos, e (...) de análises do ânimo religioso, (...) é um problema histórico”. A questão é se no presente acontece ou não, porque não é um evento apenas no início (e, depois, podemos ir em frente como um mecanismo, com a força de uma inércia), senão ninguém poderia se dar este olhar nem poderia gerá-lo outra vez. Por isso, me impressiona quando falamos desse olhar sem ter presente aquilo que Dom Giussani diz: “Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana”. Que nos deparemos agora, dois mil anos depois, com um olhar que salva as dimensões do humano, o que diz do divino presente? Se

nós não entendemos isso, então não podemos fazer Escola de Comunidade de modo verdadeiro, porque ela será reduzida apenas a reflexões sobre o texto, mas não faremos aquilo que Dom Giussani nos propõe: fazer a mesma experiência dos apóstolos. O êxito, o veremos no fim: de um lado, quem fez comentários sobre o texto e, de outro, quem fez um percurso onde buscou os fatos no presente (como aconteceu aos apóstolos). O êxito da Escola de Comunidade será totalmente diferente. Com os mesmos ingredientes, como digo sempre, teremos feito pratos diferentes. E isso pode ser visto na vida. Por isso, focalizar agora, neste momento, onde está a mudança de método é decisivo para perceber quais são os sinais que nos permitem reconhecer aquilo que torna possível um acontecimento como o cristianismo na história. Não há um método para o início do cristianismo e outro para o seu desenvolvimento, é o mesmo! Então, sim, podemos realizar em paz o desenvolvimento: porque será o recontar do início. Mas nós já estamos muito acostumados a ouvir falar do olhar como algo deduzido, como se fosse algo óbvio. Sentir-se olhado assim não é óbvio, é tudo menos óbvio!

Colocação: *Para responder à pergunta, quero citar dois fatos que me aconteceram no trabalho. Uma colega de trabalho decidiu pedir transferência para outro setor. Quando lhe perguntei por que, ela me respondeu: “Não é da sua conta. E quando me encontrar fora daqui, não me cumprimente nem me pergunte como estou”. O choque foi grande. Pensei que eu era bom nos relacionamentos por causa do meu temperamento, no entanto percebi toda a minha incapacidade e a rejeição da minha pessoa. Poderia fazer como os meus colegas, que encerraram o assunto, mas isso não me bastava. E comecei a me perguntar sinceramente: onde eu coloco a minha consistência? Com essa pergunta aberta aconteceu um outro fato. Na última sexta-feira participei de um seminário dado por uma juíza sobre a simplificação administrativa. Conforme ela ia falando eu ia ficando cada vez mais fascinada com sua razoabilidade, falando sobre o bem da vida, sobre a confiança entre a administração pública e o cidadão. Além disso, estava fascinada com a sua maneira de se dirigir aos participantes. Estava acontecendo em mim a famosa vibração do coração da qual você tantas vezes nos falou. Assim, no final fui agradecer-lhe, dizendo que sua presença entre os juízes me confortava e que tinha percebido uma abertura de coração e de mente que era fonte de esperança para mim e para meus filhos. Ela desceu do palco de onde falava e me disse: “Me desculpe, você pode repetir essas palavras?”, e eu repeti: “Abertura de mente e de coração”. Ela respondeu: “Ninguém nunca me disse algo assim, e eu desejei tanto... Desculpe, mas preciso abraçá-la...”. Então, eu disse: “Posso fazer uma pergunta? A senhora é cristã?”. “Sim”. “Desculpe, mas agora eu é que preciso abraçá-la”. Havia na sala, que já estava vazia, uma amiga minha, e com o coração estourando comecei a chamá-la gritando, porque queria que ela viesse ver aquilo que estava acontecendo ali, naquele meu encontro com aquela juíza. Com aquela pergunta aberta, reconheci os traços fundamentais de Jesus. Depois desses fatos, esta noite vim aqui porque não me bastava escrever para você, queria vê-lo, porque estou comovida e grata por sua paternidade nesse momento tão decisivo. A experiência da fé, ou seja, do abraço amoroso de Jesus, renova aquela retomada de consciência terna e apaixonada de mim mesma que faz com que eu me dê conta da minha verdadeira necessidade. E desde que começou o trabalho de Escola de Comunidade com transmissão via internet, você nunca perdeu ocasião de me desafiar a verificar a conveniência humana da fé. Decidi aceitar seu desafio. Obrigada.*

Carrón: Obrigado. “Ninguém me disse algo assim”. É o que os discípulos diziam, nunca tinham visto uma coisa igual. Mas você disse dois mil anos depois! Não se esqueçam disso.

Colocação: *Estava discutindo com minha filha porque há uma coisa que me preocupa muito: preveni-la em relação ao fato de ir atrás da moda (por exemplo, os jovens são muito apegados a determinadas marcas de roupas, e então todos vão atrás sem raciocinar). Essa é uma coisa que me preocupa muito, então tentava desafió-la – ela tem doze anos – dizendo: “Você gosta mesmo daquela coisa ou lhe agrada só porque é “daquela” marca? Tem a ver com você ou com aquilo que o mundo diz a você? Porque, senão, você vai começar a pensar como o mundo pensa”. E, então, aconteceu uma coisa grandiosa – os jovens têm um relacionamento mais límpido com a*

realidade e com o Mistério –, porque ela me disse: “Você não quer que eu pense como o mundo porque quer que eu pense como você?”. Ela foi genial.

Carrón: Não somos poupados!

Colocação: Exato. E está aí o acontecimento: o fato de que ela tem um coração irredutível. Eu disse a ela: “Não, é repugnante, para mim, propor que você pense como eu ao invés de pensar como o mundo”. E, então, me dei conta da inversão, porque fiquei em silêncio. Qualquer outra palavra que eu tivesse dito teria sido como convidá-la a construir aquela ponte através da qual nos iludimos que podemos alcançar o Mistério. E dei-me conta da inversão exatamente porque para mim não significou convidá-la para ir aonde eu vou, mas nos colocarmos diante do gesto puro da liberdade que aceita ou nega que a Presença se revele.

Carrón: Obrigado.

Colocação: Uma coisa que me surpreendeu no último período é que dentro da experiência já está tudo. Dizer isso me comove porque pensava que já sabia disso, ouvi Dom Gius dizer tantas vezes, e, na minha experiência, eu mesmo o disse muitas vezes. Mas é como se o percurso do conhecimento dissesse tivesse recomeçado.

Carrón: O que quer dizer que não estava todo na experiência.

Colocação: Não estava. Um fato me ajudou a entender esta coisa, que para mim é surpreendente, porque é possível entender que a certo ponto, a gente começa novamente, recomeça a viver. Dou aulas de religião para o ensino fundamental, agora estamos no período da Páscoa e perguntei aos meus alunos do quinto ano: “O que acontece na Páscoa?”. “Jesus ressuscita”. “E o que isso quer dizer?”. Este ano, a resposta deles me desarmou, no sentido de que me olharam e me disseram: “Quer dizer que existe, mas que não podemos ver”. E pensei: caramba, como é possível que eu veja isso hoje, no presente? Assim, comecei um trabalho junto com eles, porque se eu não tivesse tido aqueles rostos diante de mim, se não tivesse ouvido as suas palavras, se não viesse aqui e não tivesse visto tudo aquilo que vi nos últimos anos, não teria podido retomar essa coisa com eles. Do que me dei conta? De que a minha razão tinha se tornado frágil, agarrada à forma, pela qual eu continuava a repetir: “Sim, Jesus ressuscitou”. Perfeito, mas não incidia sobre a realidade. O que me peguei dizendo hoje? Por que, então, vejo que o que nos dizemos simplifica minha vida, a torna mais alegre e mais verdadeira? Porque possuo a minha experiência, a minha experiência como caminho de conhecimento. Pela qual as crianças, no fim, falavam dos traços inconfundíveis de Jesus, hoje, no presente. Isso me fez dizer: se não existisse aquilo que existe, se Ele não existisse, se não estivesse presente agora, não seria possível entender aquilo que diz o Cartaz. Em 1998, me tocou de tal forma que o pendurei na minha parede, mas tinha como que parado na frase: “O que temos de mais caro no cristianismo é o próprio Cristo”, não tinha continuado: “Ele próprio e tudo o que vem dEle”. Hoje, se fosse dizer o que é, diria tudo aquilo que vem dEle é a Sua presença atual, essa história que acontece agora. Vejo que isso muda tudo completamente.

Carrón: Obrigado.

Colocação: Uma coisa breve, mas que me acontece mil vezes por dia. Diante da realidade, parto sempre de uma análise, analiso quem está diante de mim, que muitas vezes me fala de um problema ou de uma situação que precisa resolver, ou, mais frequentemente, faço uma análise sobre mim, como resolver algo, como melhorar, mudar, para não errar novamente. Fico sempre girando nisso e, muitas vezes, encontro a solução, como todos. O que me impressiona, é que basta uma Escola de Comunidade aqui, basta às vezes também retomar o livro de Escola de Comunidade, e de repente é como se toda a análise se dissolvesse. É amplo, por exemplo, como acontece nos Exercícios da Fraternidade: a resposta a todos os meus problemas é muito mais pertinente do que todas as minhas análises, mesmo que lá não se fale diretamente desses problemas, e, então, tudo se desbloqueia de repente (coisa que eu nunca conseguiria chegar com todas as minhas análises).

Carrón: Quando relermos o texto tendo em mente aquilo que ouvimos esta noite, será mais fácil reconhecer todos os passos que Dom Giussani nos indica. Para ajudar, faço a relação, para que cada

um possa se comparar. *Primeiro*: não uma reflexão, como no senso religioso, mas uma experiência presente com a qual a pessoa se depara (ouvimos esta noite alguém que se deparou com um homem disposto a vender a casa para saldar as dívidas, outro que se deparou com o presente por meio de um olhar diferente que sempre tinha esperado, um outro ainda que se deparou com um gesto onde a vida foi recuperada). *Segundo*: uma evidência fácil, até para as crianças. *Terceiro* (aquele que dizia a última colocação): não o êxito de uma análise, mas um reconhecimento, porque toda a tentativa analítica não nos dá nem um instante daquele reconhecimento. *Quarto*: portanto é um amor, e a pessoa se apega, como os discípulos se agarravam a ele. *Quinto*: nasce uma obediência não no sentido moralista, mas uma obediência livre para não perdê-Lo (os discípulos, pelo fato de que estavam tocados, não obedeciam como a massa aos chefes, eram livres). Vê-se que aconteceu algo porque você deve assumir uma posição. Mas eu me pergunto: quantos de nós, trabalhando sobre essas páginas, fomos levados a decidir diante de algo que tinha acontecido? O texto diz: “Alguns chamados (...) por sua radicalidade (...) não podem ser eliminados, censurados. [Tanto é verdade que] o homem é obrigado a dizer sim, ou não”. Ouvimos isso no início, no canto sobre o jovem rico: não é preciso dizer “sim”, também pode ser um “não”, mas uma resposta, você é obrigado a dar. É preciso, embora muitas vezes passemos semanas sem tomar uma decisão diante de alguma coisa. Por que devemos? Por que somos obrigados? Porque – o diz Dom Giussani de diferentes maneiras – é uma presença absolutamente irreduzível aquela com a qual nos deparamos, não é como a fagocitose, não podemos assimilá-la como se fosse comida, não! Por isso, muitas vezes experimentamos essa resistência ou um incômodo diante dessa Presença e nos escandalizamos com isso. Eu, ao contrário, me exalto, porque digo: é o sinal de que estamos diante de algo irreduzível. O tempo de que precisamos para nos rendermos à evidência não é uma questão fundamental, o problema é que estamos diante de algo irreduzível, porque essa é a nossa salvação. Paradoxalmente, esta é a nossa salvação, porque se um dia pudéssemos torná-lo nosso, estaríamos sozinhos com a nossa impotência, sozinhos como cães com o nosso nada. O fato de nos encontrarmos diante de algo irreduzível – irreduzível como o Cartaz de Páscoa – é a possibilidade para nós. Porque, qual é a questão? A questão é que um fato possui sua inevitabilidade, diz Giussani. Parece nada, mas Jesus tornou-se carne como um fato irreduzível, como uma presença. Por isso, não há vez em que Dom Gius não fale da Encarnação, de Deus feito homem nascido de uma mulher, algo que não pode ser reduzido a um pensamento, a um gosto, a uma imagem, a um sentimento. Esta é a nossa esperança, a nossa única possibilidade. E diante disso a pessoa pode resistir ou pode aceitar. Mas se dá conta de que se coloca totalmente em jogo: sem reconhecer aquele olhar que me torna mim mesmo, eu precisaria renunciar a ser eu mesmo, me anularia. Mas, então, perguntemo-nos: quantas vezes senti, nestes meses, a urgência dentro de mim de decidir sobre todo o meu humano, sobre toda a minha humanidade, sobre toda a possibilidade da minha realização? Por isso, Dom Giussani nos diz que podemos estar convencidos de que vivemos como cristãos sem que o problema tenha sido verdadeiramente resolvido pela própria pessoa, porque podemos adiá-lo, podemos evitá-lo de muitas maneiras, sabemos bem disso, somos mestres nessa arte (temos uma grande capacidade imaginativa), mesmo fazendo coisas justas, obras ou outras coisas, mas evitando a verdadeira questão. O Cartaz de Páscoa – por isso o escolhemos – é um desafio total: é o convite a estarmos diante de algo irreduzível. O que celebramos na Páscoa é exatamente essa irreduzibilidade: vemos toda a resistência dos homens e nossa, que leva Cristo à morte. Mas Ele permanece inexoravelmente presente porque é irreduzível até às nossas tentativas, e essa é a nossa esperança. Por isso, peçamos para poder estar diante dessa irreduzibilidade presente sem a qual não há esperança.

AVISOS

- A próxima Escola de Comunidade será na quarta, dia 23 de maio, às 21h30. Retomaremos a primeira parte dos Exercícios da Fraternidade.
- Durante a Semana Santa a Igreja nos propõe gestos próprios para colocar diante dos nossos olhos aquilo que dizíamos agora. A Escola de Comunidade deste ano é uma ajuda

particularmente a nos identificarmos com uma maior consciência pessoal com aquilo que Jesus viveu nesses dias: toda a nossa resistência, toda a nossa negação, toda a negação do mundo. Mas nem mesmo isso pôde eliminá-lo, não conseguimos eliminá-lo porque ressuscitou e continua a se propor a cada um de nós por meio da modalidade com a qual Ele nos alcança. É por esta gratidão que queremos celebrar com toda a nossa pessoa esta festa, para agradecer a Cristo por Sua fidelidade e para pedir-Lhe que acabe com a nossa teimosia.

- A edição de abril de *Passos* terá como *Página Um* a síntese da Assembleia de Responsáveis que aconteceu em Pacengo di Lazise, no início deste mês. Convido-os a lê-la e trabalhá-la, porque é um juízo sobre o momento histórico que estamos vivendo.
- Lembro a vocês que os Exercícios da Fraternidade começarão com o jantar às 19h00 para podermos começar no salão às 21h00.

Veni Sancte Spiritus

Boa Páscoa a todos!